

A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: ABORDAGENS DO GÊNERO DEBATE EM ESTUDO

José Batista de BARROS
Adriana Letícia Torres da ROSA

Universidade Católica de Pernambuco
Universidade Federal de Pernambuco
Josebatista.40@gmail.com
Adrianarosa100@gmail.com

Resumo: Defendemos, junto à Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin, que a linguagem é uma forma de interação social e que os gêneros organizam nossas relações sociointerativas. Nesse contexto, investigamos o gênero debate no âmbito das práticas escolares, com o intuito de verificar funções e formas de seu uso orientadas pelas propostas de produção de texto dos livros didáticos de português. O corpus de pesquisa trata-se dos exercícios de produção textual apresentados em quatro coleções de livros didáticos aprovadas pelo PNLD. Os dados mostram que as poucas propostas de produção de debate não enfatizam a função social do gênero.

Palavras-chave: Produção de texto; Gênero textual; Oralidade; Livro Didático; Debate.

1. Introdução

Defendemos, junto à Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin, que a linguagem é uma forma de interação social e que os gêneros organizam nossas relações sociointerativas. No contexto da diversidade discursiva, situamos nosso trabalho no campo de estudo da oralidade, elegendo o *debate* como foco de análise.

O debate é um gênero textual de cunho opinativo que se insere nas práticas de oralidade de uma comunidade, tendo como ação social de fundo uma discussão entre as partes com base em argumentos ou exposição de razão. O gênero em tela permeia diversas esferas comunicativas, realizando-se também em distintos graus de formalidade, e regras de funcionamento: na conversação cotidiana, no espaço jurídico, no campo da política, na mídia televisiva, bem como no domínio escolar, debater é uma prática rotineira, seja com vista a, nas relações de diálogo, compreender um tema controverso, seja para defender ou formar opiniões, entre outros.

Compreendendo as suas múltiplas faces, fizemos um recorte de estudo, propondo-nos a nos debruçar sobre a investigação do debate no âmbito das práticas escolares, com o intuito de verificar funções e formas de seu uso orientadas pelas propostas de produção de texto dos livros didáticos de português (LDP):

Coleção 1 - GARCIA, Eliana. **Língua e linguagem**. Vol. 4. São Paulo: Saraiva, 2010.

Coleção 2 - MARTOS, Clouder Rivas. **Viver e aprender**. Vol 4. São Paulo: Saraiva, 2010.

Coleção 3 - BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabela. **Bem-te-li**. Vol.4. São Paulo: FTD, 2010.

Coleção 4 - LEITE, Márcia; BASSI, Cristina. L.E.R. **Leitura, escrita e reflexão**. São Paulo: FTD, 2010.

Desse modo, tomamos como *corpus* de pesquisa exercícios de produção textual apresentados em quatro coleções de livros didáticos do 5º ano do Ensino Fundamental aprovadas pelo Ministério de Educação no seu Programa Nacional do Livro Didático.

Os dados mostram que o LDP apresenta poucas propostas de produção de debate quando observadas em relação a demais gêneros na modalidade escrita e a sua abordagem não enfatiza a função social do gênero. Os resultados indicam que o debate é o gênero oral mais sugerido para produção de texto entre os da oralidade, contudo, considerando a escrita, seu tratamento é carente. As propostas pedagógicas oscilam entre a exploração do funcionamento social do gênero e, em contrapartida, o trabalho com o debate desvinculado do estudo dos seus traços sociodiscursivos.

2. Debate, uma praticas social

Partimos do pressuposto teórico de que a linguagem é uma forma de interação social e a língua, assim, é observada como um fenômeno interativo e dinâmico que envolve atividades de diálogo e negociação entre indivíduos socialmente posicionados em diferentes contextos situacionais de uso.

Conforme Marcuschi (2001, p.20), é importante distinguir os termos *Linguagem* e *Língua*, pois aparentemente sinônimos, designam fenômeno distintos e complementares:

a) A expressão linguagem designa uma faculdade humana, isto é, a faculdade de usar signos com objetivos cognitivos. A linguagem é um dispositivo que caracteriza a espécie humana como homo sapiens, ou seja, como um sujeito reflexivo, pois a linguagem é um fenômeno humano, hoje tido como inato e geneticamente transmitido pela espécie.

b) A expressão língua refere uma das tantas formas de manifestação concreta dos sistemas de comunicação humanos desenvolvidos socialmente por comunidades linguísticas e se manifesta como atividades sócio-cognitiva para a comunicação interpessoal.

Nessa perspectiva, uma língua, linguagem verbal, constitui-se no sistema de interação linguística entre indivíduos, que enquanto interlocutores, constroem sentidos e significados ao interagirem com o grupo social. Tais interações orais ou escritas constituem representações que variam de acordo com a relação que cada indivíduo tem com a língua. Apropriar-se da língua, implica inserir-se na dinâmica do mundo natural e social, identificando, compreendendo, significando e articulando os saberes e vínculos constituídos.

Tanto na fala como na escrita, usamos a língua para dizer a e agir sobre uma realidade que construímos discursivamente. Defendemos, junto a vários autores, como Bakhtin (2003), por exemplo, que a comunicação humana se estabelece mediante o uso de algum gênero do discurso: os gêneros organizam a nossa fala e escrita, sem os quais ficaria quase impossível interagirmos.

Para Bakhtin (2003, p. 261),

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é

claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua composição composicional.

De acordo com as proposições bakhtinianas, os gêneros são entidades históricas e sociais elaborados nas diversas esferas da atividade humana, como a jurídica, a jornalística, a empresarial, a familiar, entre tantas outras, compreendendo relações entre sujeitos e seus propósitos de interação. Nessa linha de pensar, destacamos ainda que os gêneros são formas de ação sociais imprescindíveis para qualquer interação comunicativa.

É importante dizer que compreendemos os gêneros como “os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (MARCUSCHI, 2002, p.22). Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: debate, telefonema, sermão, carta comercial, romance, bilhete, reportagem, piada, conferência, conversação espontânea, bate papo por computador e assim por diante.

As práticas sociais de oralidade e letramento são povoadas pelo uso dos diversos gêneros textuais. Cabe apresentar uma distinção entre as duas práticas citadas:

Oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora que vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (...)

Letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, (...), até uma apropriação aprofundada (...) (MARCUSCHI, 2004, p.25)

Conforme nos orientam os PCN (1997), a escola é um espaço privilegiado para o estudo da diversidade de gêneros que nos circundam. Os gêneros de realização oral e os de realização escrita devem ser alvos de ensino nas atividades de leitura, escuta e produção de textos como forma de ampliar o universo discursivo dos alunos tanto no plano da oralidade quanto no do letramento. Contudo, verifica-se ainda uma prática escolar de valorização do trabalho com a escrita em detrimento do trabalho com a oralidade, fruto de uma visão tradicional da língua gerada pela própria circunstância de avaliação social e histórica do registro escrito como símbolo de educação, desenvolvimento e poder.

Todavia, partilhamos das ideias de Marcuschi (2004, p.17) de que

oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Ao refletirmos sobre as palavras de Marcuschi, reforçamos nosso ponto de vista de que o desprestígio dos gêneros da oralidade na escola é não tem fundamento. Contudo, apesar

da valorização da escrita, o debate, pela experiência que temos como professor e pesquisador, é um gênero bastante usado em sala de aula, considerando inclusive as várias disciplinas pedagógicas como História e Geografia, além da própria Língua Portuguesa.

Enfatizamos ainda que no gênero oral debate é potencial a articulação da fala e da escrita numa produção multimodal. Além disso, Costa (2008, p.76), ao definir o gênero, destaca a existência de diversos tipos de debate, dentre os quais cita: *debate de opinião*, o qual visa à compreensão de um tema polêmico, permitindo exposição de argumentos com intuito de influenciar a opinião dos outros, e também a possibilidade de mudanças dos próprios conceitos; *debate deliberativo* visa a discussão de um tema para posterior tomada de decisão, em geral, apresentando sugestões para resolução de problemática; *debate público regado*, tem por base a expressão livre de pensamentos sobre um tema, normalmente tendo a fala orientada por regras acordadas, com ou sem a presença de moderador. No contexto escolar, parece ser tocante a presença de práticas de linguagem que envolvam essas várias tipologias, conforme objetivos pedagógicos definidos pelos docentes; e ainda a presença de elementos particulares diante das características típicas da esfera da escola, que procuraremos descrever e analisar.

3. Oralidade em evidência: o caminhar das propostas de produção do debate

Analisamos as abordagens pedagógicas com o gênero debate em contraponto aos demais gêneros da oralidade. A tabela a seguir mostra os gêneros evidenciados nos exercícios de produção de texto dos LDP:

Gênero	Ocorrência	%
Debate	15	45,45
Apresentação de Pesquisa	6	18,18
Peça teatral	1	3,03
Reportagem	1	3,03
Conto	1	3,03
Conto radiofônico	1	3,03
Júri simulado	1	3,03
Jingle	1	3,03
História ficcional a partir de descrição	1	3,03
Entrevista radiofônica	1	3,03
Entrevista	1	3,03
Discussão em grupo	1	3,03
Conversa formal	1	3,03
Apresentação de revista	1	3,03
TOTAL	33	100

Tabela 1 – Produção oral: gêneros trabalhados nos LDP

Dentre os pontos observados com base na análise dos referidos dados destacamos:

I. As propostas de produção estão pautadas nos gêneros das esferas discursivas não ficcionais, pois dos 33 gêneros levantados na pesquisa, apenas 04, (um em cada coleção) são do domínio literário: *peça teatral*, *história ficcional* e *conto* (incluindo o *radiofônico*). O quadro 1 explicita as ocorrências dos gêneros orais por coleções didáticas:

Coleção 1 - GARCIA, Eliana. Língua e linguagem
Debate – 04 Apresentação de pesquisa - 01 História ficcional a partir de descrição - 01 Entrevista radiofônica - 01
Coleção 2 - MARTOS, Clouder Rivas. Viver e aprender
Debate – 10 Apresentação de Pesquisa – 04 Resultado de pesquisa - 01 Peça teatral – 01
Coleção 3 - BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabela. Bem-te-li
Conto radiofônico – 01 Conversa formal – 01 Debate – 01 Discussão em grupo – 01 Entrevista – 01 Jingle – 01 Júri simulado – 01 Apresentação de pesquisa – 01 Reportagem – 01
Coleção 4 - LEITE, Márcia; BASSI, Cristina. L.E.R. Leitura, escrita e reflexão
Apresentação de revista – 01 Conto – 01

Quadro 1 - Gêneros da oralidade nas coleções didáticas

II. A produção oral circunda o domínio discursivo escolar na maioria das atividades, ficando o jornalístico em segundo plano e os domínios jurídico e publicitário restritos a apenas uma ocorrência, e os demais domínios ausentes:

- Produção de texto não ficcional
Domínio escolar
Debate
Pesquisa (apresentação e resultado)
Discussão em grupo
Conversa formal
Domínio jornalístico
Reportagem
Entrevista
Domínio jurídico
Júri simulado
Domínio Publicitário
Jingle
- Produção de texto ficcional
Domínio Literário
Peça teatral
História ficcional
Conto (incluindo o radiofônico)

Quadro 2 - Gêneros e domínios discursivos nos LDP

A nosso ver, há um descompasso nessa abordagem, pois o trabalho com a estética literária, por exemplo, é igualmente necessária para formação dos leitores e produtores de texto, nessa etapa da vida acadêmica.

III. O gênero debate foi aquele de maior incidência para o trabalho pedagógico no conjunto geral das coleções, seguido da apresentação de pesquisa. Para nós, o trabalho demasiado com um gênero em detrimento de outros não se configura numa proposta pedagógica salutar, pois cada gênero tem suas particularidades em razão de seus usos, e, portanto, o conhecimento aprofundado de mais de um gênero da oralidade, garantirá ao aluno conseqüentemente uma maior desenvoltura para lidar com diferentes situações sociais de interação linguística, seja como falante ou ouvinte compreensivos e ativos.

IV. A seqüência textual argumentativa é a mais explorada nas atividades de produção, visto ser o debate o gênero de maior evidência; a expositiva, a narrativa e a dialogal são as que vêm logo a seguir, ficando a descritiva, com apenas uma ocorrência de destaque, e a injuntiva, nenhuma ocorrência, relegadas a segundo plano.

Destacados tais tópicos, passamos a analisar as propostas de produção de texto oral debate apresentadas pelos LDP.

Como observamos, o debate é o gênero mais trabalhado pelos LDP. Percebemos que nas duas coleções em que o gênero é mais abordado, Garcia (2010) e Martos (2010), há uma tônica de trabalho pedagógico diferenciada: enquanto que na primeira coleção, a cada momento distinto de estudo do gênero, busca-se aprofundar as abordagens sobre as características sociodiscursivas e textuais do debate; na segunda, as propostas são, na sua maioria, similares, o aluno terá apenas que responder a questões que o livro lhe coloca.

No primeiro caso, o debate é realizado sobre um tema polêmico suscitado pela leitura de um ou mais textos verbais ou não-verbais sobre os quais os alunos terão que opinar justificando seu ponto de vista:

Pesquisa

- Diariamente, milhões de pessoas assistem à televisão. Há quem coloque a tevê no topo da lista das más influências, podendo levar as crianças a se tornarem adultos problemáticos, violentos ou equivocados a respeito da realidade. Outros diminuem o poder desse veículo de comunicação argumentando que as crianças não são seres tão vulneráveis a ponto de serem transformadas em robôs. Que tal entrarmos nessa discussão? O primeiro passo é pesquisar o assunto em jornais, livros, enciclopédias, revistas ou na Internet. Procurem saber:

- quando a televisão surgiu no Brasil;
- quais são os programas de maior audiência;
- que influência os programas de tevê exercem nas pessoas;
- que influência os comerciais exercem no consumidor;
- quais são os programas jornalísticos; e
- quais são os programas educativos da tevê.

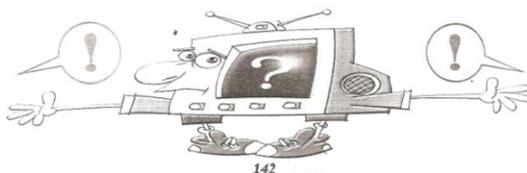
- Tragam para a sala de aula o material coletado na data combinada com seu professor.

- Seu professor vai formar três grupos na sala.

GRUPO A — a favor da televisão (serão os advogados de defesa)

GRUPO B — contra a televisão (serão os promotores)

GRUPO C — para ouvir o debate e depois votar no grupo que considerar mais convincente (serão os jurados)



142

◆ Leia as instruções de acordo com o grupo a que pertence.

GRUPO A Do material coletado, selecione, sublinhe e anote os dados mais importantes a favor da televisão.

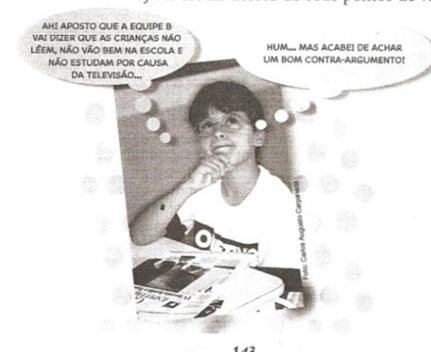
Procure sempre pensar nos argumentos que o grupo B vai usar para defender as idéias deles. Prepare seus contra-argumentos.

GRUPO B Do material coletado, selecione, sublinhe e anote os dados mais importantes contra a televisão.

Procure sempre pensar nos argumentos que o grupo A vai usar para defender as idéias deles. Prepare seus contra-argumentos.

GRUPO C Os componentes desse grupo também vão fazer parte dessa etapa de estudo. Assim, do material coletado, selecionem, sublinhem e anotem os dados a favor e contra a televisão.

Colaborem, tanto com o grupo A quanto com o grupo B, passando informações que possam ajudá-los na defesa de seus pontos de vista.



143

Bragança & Carpaneda (2010), p. 142-143.

Nesse aspecto, a relação fala-escrita é sabiamente enfocada, pois para produção formal da linguagem oral, como é o caso, o aluno terá que se basear em conhecimentos

prévios não apenas construídos com base nas relações cotidianas, mas também na leitura estudo de textos informativos ou literários que circulam socialmente. Há orientações, ainda que breves, sobre como se portar na situação de interação cujo público alvo é normalmente a própria turma:

Debate

Leia a tira da Mafalda e, depois, discuta as questões propostas com seus colegas. Lembre-se de dizer por que pensa de tal modo, justificando seu ponto de vista.

Chamar a atenção dos alunos para as letras (maiúsculas, em negrito e tremidas) utilizadas para representar o sentimento de horror de Mafalda.



(Quino. Toda Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 1993. p. 5.)

² **macabro**: fúnebre, trágico, desanimador.

- a) Se você fosse Filipe, o amigo de Mafalda, como responderia à pergunta da menina? Se a resposta for **não**, explique a seus colegas por que acha cedo para decidir sobre seu futuro.
- b) Pense no comportamento das crianças e dos adultos que conhece. Como você definiria a conduta das pessoas dessas faixas de idade?

Seria interessante anotar as respostas dos alunos na lousa e montar um perfil dos adultos e um das crianças, segundo a opinião da classe. Se achar oportuno, antes de realizar a atividade, ler com as crianças os textos de Millôr que aparecem no Manual do Professor.



Garcia (2010), p. 13-14.

Contudo, no segundo tipo de abordagem, o foco é apenas a discussão de um tema e não os elementos da situação comunicativa como, por exemplo, o objetivo do debate, os parceiros do debate, a variedade linguística a ser utilizada diante da situação; chegando, por vezes, ao ponto das propostas girarem apenas em torno da solicitação de respostas dos alunos sobre a temática do texto principal da unidade, com a apresentação de perguntas sobre as quais os estudantes teriam que discutir em conjunto:

Debate

Dê sua opinião sobre:

1. As vantagens e desvantagens em ser criança.
2. As vantagens e desvantagens em ser adulto.

Martos (2010), p.8.

Duas das quinze propostas de debate se baseiam na organização de um debate regrado simulando-se um julgamento: atitudes de um personagem de um texto lido, ou o

benefício ou malefício da TV. Nesses casos, a discussão não é livre como nos demais, mas a turma é dividida em grupos: os que defendem os que atacam os que julgam, em geral.

4. Considerações finais

No que tange ao universo da fala, o nosso estudo aponta que o ensino e aprendizagem da oralidade na sala de aula passa por ajustes para atender a linha sociointeracionista desenhada pelas pesquisas recentes, linha essa basilar para construção das competências linguísticas nas aulas de língua materna. Nesse campo, os gêneros textuais são enfatizados no currículo por serem primordiais como organizadores das nossas práticas sociais e discursivas. Nesse contexto, os LDP não podem deixar de lado tal aspecto ao formularem suas didáticas de escuta e produção oral.

A nossa pesquisa identificou que os gêneros textuais orais privilegiados nas atividades de produção textual são aqueles do domínio não-ficcional, como citamos, debate e apresentação de pesquisa. A produção oral nos LDP envolve o domínio discursivo escolar, seguido em menor número do jornalístico, e menor ainda dos domínios jurídico e publicitário, restritos a apenas uma ocorrência, e os demais domínios ausentes. Domínios importantes, como o literário, não foram alvo de abordagens, lacuna a ser superada com a intervenção do professor. Observamos também que, além da questão do privilégio de alguns domínios discursivos, o enfoque em poucos gêneros para produção oral acarreta em prejuízo para aprendizagem do aluno, visto que, conhecer significativamente uma diversidade de gêneros da oralidade favorecerá a formação do cidadão com condições de participar compreensivamente das práticas de oralidade da sociedade na qual vive.

Além dos pontos já observados, ressaltamos que, de um modo geral, o trabalho de reflexão sobre as características dos gêneros orais ainda carece de aprofundamento pedagógico, notas introdutórias sobre sua função social, e sobre suas características formais nem sempre são apresentadas quando da atividade de produção, e a sistematização do estudo do gênero oral precisa ser mais enfatizada.

Pelo exposto, a diversidade de gêneros da oralidade, a quantidade de abordagens desses gêneros, a sistematização dessas abordagens e, ainda, a qualidade das abordagens pedagógicas são elementos que precisam ser revistos pelos LDP a fim de que o espaço da oralidade seja aprofundado, e a fala pública, formal e informal, seja trabalhada numa perspectiva inclusiva.

Ademais, alguns aspectos positivos podem ser destacados no trabalho de produção de texto oral. Percebemos uma preocupação particular com o estudo da oralidade, as coleções apresentam seções específicas destinadas ao trabalho com a linguagem oral. Também notamos que a concepção de linguagem como interação social permeia, mesmo que de forma superficial, a maior parte das propostas de produção oral: a explicitação da função social, do papel dos interlocutores (mesmo que estes sejam recorrentemente os próprios colegas de classe), da forma de organizar a fala pública é presente nas coleções didáticas.

Os resultados acima discutidos sugerem a necessidade de se investir mais pesquisas no campo de estudo da oralidade, no sentido de colaborar com a qualidade do livro didático no que tange às suas abordagens pedagógicas. Dentre novas propostas de investigação que o nosso trabalho suscita, destacamos a análise mais aprofundada da perspectiva de abordagem dos LDP quanto ao fenômeno da variedade linguística associado aos fatores de inclusão social; também enfatizamos a necessidade de se verificar mais especificamente o direcionamento de estudo de gêneros específicos; ainda destacamos a investigação das relações de complementaridade entre fala-escrita.

Ressaltamos que as competências atribuídas aos gêneros da oralidade vão muito mais além do que pode está escrito em qualquer livro didático. Porém na escola é que as trabalhamos de forma mais sistemática a fim de nos inserirmos dentro de padrões exigidos pela sociedade cujos objetivos perpassam por comunicarmo-nos adequadamente com o grupo; ouvirmos com atenção a fala do outro; expressarmos nossas ideias por gestos e dramatizações; interpretarmos e explicitarmos a compreensão sobre textos lidos; confrontarmos opiniões e pontos de vista diferentes do nosso; adequarmos a linguagem às comunicações formais do cotidiano escolar e social, dentre tantos outros. Nesse sentido, percebe-se a importância do papel desempenhado pela oralidade como imprescindível à inserção dos indivíduos na mais variadas práticas e contextos sociais, seja como interlocutor, leitor, ouvinte ou produtor de textos.

5. Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In.: DIONÍSIO, A.P. & BEZERRA, M. A. (orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: Ângela Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- _____. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – Primeiro e segundo Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1997.